



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA
Programa de Pós Graduação Ensino em Ciências da Saúde

CAROLINA LINHARES NAGAO

SUAS HISTÓRIAS:
narrativa de mulheres usuárias de um CRAS na cidade de Santos

Produto técnico: Curta metragem documental “SUAS HISTÓRIAS”

Santos

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA
Programa de Pós Graduação Ensino em Ciências da Saúde

CAROLINA LINHARES NAGAO

SUAS HISTÓRIAS:
narrativa de mulheres usuárias de um CRAS na cidade de Santos

Produto técnico: Curta metragem documental “SUAS HISTÓRIAS”

Produto técnico apresentado ao Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde, modalidade profissional, do Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Togni de Lima e Silva Surjus

Santos

2021

RESUMO

O trabalho de campo da pesquisa de mestrado profissional que deu origem à dissertação de nome SUAS HISTÓRIAS: narrativas de mulheres usuárias de um CRAS na cidade de Santos se deu através de entrevistas narrativas realizadas com 5 mulheres atendidas e acompanhadas no CRAS Nova Cintra, no município de Santos, SP. Como forma de que essas entrevistas não se encerrassem nas páginas estáticas de uma publicação acadêmica, mas pudessem circular, trazendo retornos diretos para o serviço e a comunidade, optou-se por gravá-las em áudio e vídeo, com objetivo de realizar um curta metragem documental. Assim, pretende-se utilizar as mesmas categorias de análise construídas na pesquisa, para embasar a montagem do documentário. Após uma primeira versão, será apresentado às mulheres participantes da pesquisa, para que possam opinar, propor alterações e construir conjuntamente a versão final do documentário. Espera-se que esse curta metragem possa subsidiar discussões e reflexões sobre o trabalho no SUAS, trazendo para o debate a perspectiva das mulheres usuárias dessa política pública.

1. POR QUE UM PRODUTO TÉCNICO?

A principal característica do mestrado profissional é a sua estreita relação com a prática profissional. Em geral, quem se inscreve para essa modalidade de programa está atuando e deseja estudar, se aprofundar e pesquisar questões relativas à sua atuação. São abordadas problemáticas que afetam o cotidiano de trabalho, que emergem das experiências concretas do dia a dia. Os programas de mestrado profissional, portanto, tem entre seus objetivos a qualificação da prática e a formação continuada dos trabalhadores, criando um intercâmbio entre universidade e os mais diversos campos de atuação.

O processo de pesquisa, em si, já cumpre em grande medida com esse objetivo, pois integra saberes da prática com saberes acadêmicos, possibilita o aprofundamento do conhecimento sobre aquele determinado assunto e mobiliza novas descobertas – é o que se espera de uma pesquisa. Para além disso, o programa de mestrado profissional propõe ainda a formulação de um produto final, que parte dos resultados da pesquisa para conduzir um retorno ao local de trabalho – aquele que se espera qualificar e modificar pelo processo de pesquisar. Esse produto é uma forma de garantir que o que se construiu em termos de produção de conhecimento de fato circule e não se prenda apenas ao ambiente acadêmico.

2. POR QUE UM CURTA DOCUMENTAL?

Não tem impulso maior no ser humano que o interesse em ser reconhecido e escutado. Se eu estivesse fazendo para a televisão, isso mudaria inteiramente, pois entra o negócio de vender e comprar, o elemento da exibição e da feira da imagem. Vira mercadoria. Mas o estranho é que as pessoas falam o que falam para um documentário, não sabem se um dia o verão pronto e nunca perguntam onde vai ser exibido ou cobram a exibição. Por que falam? Acho que é porque sentem que estão sendo ouvidas (COUTINHO, 2013, p. 286).

Em nosso desenho inicial de pesquisa tínhamos a perspectiva de realizar oficinas coletivas com as usuárias do CRAS Nova Cintra, com objetivo de construir processos participativos de reflexão e diálogo sobre a política de assistência social. Nessas oficinas

teríamos a oportunidade de decidir coletivamente com as sujeitas da pesquisa qual tipo de produto seria interessante apresentar ao final. A pandemia de covid-19, porém, impôs a necessidade de repensar essa escolha metodológica e propor alternativas aos encontros coletivos, tendo em vista a necessidade de manter o distanciamento social como medida de prevenção à doença.

Foi preciso lidar com a frustração de abandonar um planejamento e partir para outro, que sempre parecia estar à sombra do primeiro.

Uma noite estava mudando canais na TV (tempos de pandemia) e estava passando o documentário Edifício Master, de Eduardo Coutinho. Eu nunca havia assistido, então resolvi aproveitar a oportunidade. Quando o filme acabou, meu companheiro – que é um grande fã de Coutinho – perguntou o que eu havia achado. Eu estava emocionada e respondi que o que ele faz no documentário é muito parecido com o meu trabalho. É claro que não sou nenhum Eduardo Coutinho, mas uma coisa específica em Edifício Master fez uma conexão muito forte comigo e eu sabia que isso tinha a ver com a **escuta das pessoas**.

Esse meu encontro com Edifício Master foi o disparador para que eu conseguisse me reconectar com o projeto de pesquisa, após ter que abandonar a metodologia coletiva. Foi assim que surgiu a inspiração para realizar um curta metragem documental como produto técnico do mestrado profissional. Com todas as inseguranças que envolvem um projeto como esse, partimos então para a realização das entrevistas, já tendo esse objetivo como norte.

3. DESENHO METODOLÓGICO

O desenho metodológico do produto técnico, em certa medida, se mistura ao desenho da pesquisa em si, tendo em vista que as entrevistas narrativas¹ são ao mesmo tempo o instrumento metodológico da pesquisa e o material filmado e áudio gravado para a produção do curta metragem documental. A realização de um filme a partir dessas entrevistas, porém, nos colocou, em primeiro lugar, dúvidas sobre questões éticas, principalmente com relação ao sigilo e à impossibilidade de se manter o anonimato das participantes da pesquisa.

¹ (RAVAGNOLI, 2018)

Nesse sentido, apoiamo-nos na discussão trazida por Diniz (2008), acerca da ética em pesquisa nas ciências humanas, que apresenta um exemplo de realização de um documentário etnográfico. Embora o método desenvolvido em nossa pesquisa não seja o etnográfico, o trabalho apresentado pela autora guarda algumas semelhanças com nosso projeto, tal qual a vulnerabilidade dos sujeitos da pesquisa, a preocupação em construir um processo compartilhado e em não espetacularizar o sofrimento e o reconhecimento da não neutralidade da pesquisadora.

A partir dessa referência, pretendemos garantir o rigor ético metodológico pelo reconhecimento das participantes da pesquisa enquanto sujeitas de direitos, apostando que os ganhos na participação desse processo seriam mais significativos que os possíveis prejuízos pela exposição de sua imagem.

Se por um lado nos aprofundamos na compreensão da entrevista narrativa para realização da pesquisa, tivemos também que incluir em nossos estudos questões quanto à presença da câmera e as relações de poder envolvidas nessa modalidade de encontro, mediado não apenas pelo diálogo, mas também pelos instrumentos: câmera, microfone, gravador, etc.

Sobre isso, Coutinho (2013) fala:

Outra tolice que se diz há dezenas de anos é que a presença da câmera torna qualquer gesto ou fala artificial, na medida em que a simples presença da câmera – por mais bem disfarçada, por mais que o realizador more com a comunidade dez anos – muda as pessoas e, portanto, é falsa. Jean Rouch, um documentarista francês pioneiro em certos campos, já respondeu muito claramente algo óbvio: que isso que é “verdade”, em parte, não tem a menor importância porque às vezes é mais importante que a câmera catalise essa comunidade, catalise as pessoas que estão diante dela, para que elas revelem uma “superverdade” delas. Na medida em que a pessoa pode representar para a câmera, isso passa a ser interessantíssimo também. Como ela representa para a câmera? Que papel? Que figura? E que personagem ela quer representar para a câmera? Isso é tão interessante quanto aquilo que ela revela sem a presença da câmera (COUTINHO, 2013, p. 23).

Aqui, mais uma vez, as reflexões quanto ao produto técnico fazem ecos na organização de toda a pesquisa. Independente da presença da câmera, não se pretende obter, através das entrevistas, respostas objetivas ou *verdades absolutas*. As narrativas das entrevistadas não existem anteriormente às entrevistas, elas são construídas no

próprio encontro. A interlocutora – no caso, a pesquisadora/entrevistadora – não é neutra ou isenta, mas está presente no diálogo, que é onde a narrativa se faz. As vivências, experiências, intenções e opiniões das entrevistadas podem até existir previamente, mas é no ato de contar, que a história se faz na forma de narrativa e é, portanto, criada. E é justamente essa produção que nos interessa, tanto do ponto de vista da pesquisa, para compreender o que essas mulheres têm a dizer sobre o SUAS, quanto do ponto de vista do filme, para conhecer as histórias que elas querem e podem contar.

Mesmo que munida de diversas leituras: sobre o SUAS, sobre entrevistas narrativas, sobre documentários, etc. o frio na barriga tomou conta algumas horas antes de cada uma das entrevistas. Mesmo com uma experiência de quase quatro anos atendendo usuárias da assistência social no município de Santos, ouvindo suas histórias e construindo vínculos, tive a perfeita sensação de uma iniciante indo ao encontro dessas mulheres. Era um novo papel, uma nova experiência e há sempre algo de assustador no novo. Cada dia agendado havia a preocupação de que a pessoa convidada não aparecesse, ou que algo desse errado com a câmera ou com o microfone, ou que eu errasse na condução da conversa...

Agora, tendo já realizado as cinco entrevistas previstas, me sinto satisfeita com o que pudemos produzir e sei que uma nova etapa de trabalho nos aguarda: corte e edição do material, para que dele possa sair um filme tão potente quanto tem sido todo esse processo. Com uma primeira versão do documentário, faremos então a exibição para as 5 participantes da pesquisa, para que elas possam contribuir com seu olhar, propor interferências, sugerir mudanças e opinar sobre aquele corte. Retornaremos então para a segunda fase de edição, incorporando as discussões provocadas por essa primeira exibição, buscando corresponder às proposições das entrevistadas e chegar a um corte final, que será então exibido novamente para as participantes e para a equipe do CRAS.

Esperamos, ao fim desse processo, contribuir com a política de assistência social de Santos-SP, provocando novos movimentos no sentido da qualificação do trabalho e da criação de espaços cada vez mais democráticos e dialogados com a população atendida no SUAS.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, E. Sobre Edifício Master. In: OHATA, M. (org.) **Eduardo Coutinho**. São Paulo, ed. Cosac Naify, p. 283-298, 2013.

COUTINHO, E. O cinema documentário e a escuta sensível da auteridade. In: OHATA, M. (org.) Eduardo Coutinho. São Paulo, ed. Cosac Naify, p. 21-47, 2013.

DINIZ, D. Ética na pesquisa em ciências humanas: novos desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, Brasília, v. 2, n. 13, p. 417-426, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/QDNVw9nGF7X7b8Kf4LNvRVs/abstract/?lang=pt>.

Acesso em 13 dez. 2020.

RAVAGNOLI, N. A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na Linguística Aplicada. **The Specialist**, v. 39, n. 3, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/34195>. Acesso em 3 out. 2021.